

MORFOSSINTAXE

A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *IR* EM PREDICAÇÕES COMPLEXAS

Vinicius Maciel de Oliveira (UFRJ)
movinicius@bol.com.br e vmoliveira@vista.aero

INTRODUÇÃO

Ir apresenta uma aparente produtividade no que concerne à formação de estruturas perifrásticas. Esse item verbal pode participar na estruturação de perífrases que, em muitas vezes, concorrem num mesmo domínio funcional com formas simples. Acompanhado de um infinitivo, *ir* pode designar: (i) futuro do presente (*amanhã, vou descansar*); (ii) pretérito perfeito (*ontem, fui trabalhar na escola*); e (iii) futuro do pretérito (*eu ia/iria estudar, se fosse possível*).

Os exemplos listados são prototípicos e podem facilmente, sem alteração de sentido, ser substituídos por formas simples correspondentes. Entretanto, nem sempre essa permuta é possível por conta de sentidos ambíguos que, num complexo verbal³ *ir* pode suscitar (*toda sexta, eu ia correr no parque*). Nesse caso, ele poderá ser tanto analisado como um verbo predicador (doravante, $V_{\text{predicador}}$), como um verbo auxiliar (doravante, V_{auxiliar}).

Acredita-se que essa ambigüidade é gerada pelo grau de integração (*ir* + forma verbal), isto é, quanto maior for esse grau, mais *ir* será reanalisado como um V_{auxiliar} evidenciando um, também, alto nível de gramaticalização de *ir*. Por outro lado, quanto menor for o grau de integração, mais *ir* se comportará como um $V_{\text{predicador}}$, caracterizando um baixo nível de gramaticalização. Segundo Silva Menon (2003), a estrutura *ir* + infinitivo ainda encontra alguns contextos de resistência para que a gramaticalização se complete.

Este trabalho, pois, centra-se na investigação do comportamento sintático-semântico de *ir* em predicções complexas de modo

³ Neste trabalho, são entendidas como complexos verbais, estruturas formadas a partir de mais de uma forma verbal que podem ser analisadas como dois predicadores distintos, não formando, necessariamente, uma perífrase, que é entendida como uma única informação predicante equivalendo-se ao que as gramáticas tradicionais chamam de locuções verbais.

a categorizar em qual nível de gramaticalização se encontra cada uso, com base em dados do Português do Brasil falado de três faixas etárias de diferentes escolaridades⁴. Tenciona-se também um estudo sobre o grau de integração (*ir* + forma verbal), considerando o pressuposto de que tal investigação possa relacionar-se com o processo de gramaticalização.

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este estudo pauta-se na relação entre sistema gramatical e funcionalidade discursiva, pois se crê que a estrutura gramatical se presta a estabelecer propósitos comunicativos. Dessa forma, assume-se que implicações discursivas contribuam para uma especialização da estrutura gramatical, ou seja, pressões comunicativas podem afetar, sob alguma medida, unidades do sistema lingüístico. Nesse sentido, elabora-se uma pressuposição de que *ir* quando inserido num contexto pragmático pode assumir características destoantes da prototípica – V_{predicador}.

As orientações teórico-metodológicas específicas constituem-se do modelo configuracional de predicções de Dik (1997) e do conceito de gramaticalização de Heine *et alii* (1991), assim como dos esquemas cognitivos derivados desse processo que motivam a formação dos verbos auxiliares (Heine, 1993).

O enfoque funcionalista de Dik (1997) proporciona suporte para a descrição e análise das predicções por meio dos marcos predicativos, que devem proporcionar informações diversas sobre um predicado, a saber: (i) sua forma léxica; (ii) a categoria sintática a que pertence; (iii) o número de argumentos que requer; (iv) as restrições de seleção que o predicado estabelece sobre seus argumentos; e (v) as funções semânticas que realizam os argumentos.

Heine *et alii* (1991) apresentam pressupostos funcionalistas de ordem cognitiva e comunicativa para explicar o processo de gramaticalização. Os autores listam seis fatores cognitivos para esse

⁴ Os dados foram coletados do banco de dados da fala infantil e da amostra censo 2000 do Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua).

MORFOSSINTAXE

processo: (i) proposição de localização (*X está em Y*); (ii) proposição de movimento (*X se move para Y*); (iii) proposição de ação (*X faz Y*); (iv) proposição de parte-todo (*X é parte de Y*); (v) proposição de igualdade (*X é como Y*); e (vi) proposição de companhia (*X está com Y*). A partir de associações via metáfora e metonímia, os autores explicam como estruturas passam por uma abstratização gradativa, perdem conteúdo lexical (*bleaching*) e assumem um comportamento que as incluem numa categoria mais gramatical. Vale frisar que, de acordo com os autores, o contexto comunicativo induz uma alteração sintático-semântica, pois implicações de ordem pragmática são determinantes para uma reformulação de unidades e/ou estruturas do sistema lingüístico.

A contribuição teórico-metodológica de Heine (1993) representa uma das fundamentais bases para este estudo, no que concerne às motivações para a formação de verbos auxiliares. Em uma investigação na qual o autor busca mostrar padrões gerais nas línguas de formação dos auxiliares, há, também, a tentativa de se explicar de que maneira a operação mental se relaciona com recategorização lingüística. Essa obra apresenta os conceitos de básicos de gramaticalização apreciados em Heine *et alii* (1991), mas o foco investigativo é a aplicação ao fenômeno da auxiliarização.

ANÁLISE DOS DADOS

Verbo predicador

De acordo com Heine (1993), todos os verbos auxiliares num dado momento já foram verbos simples. Esse fato evidenciado pelo autor justifica o intento de apresentar a configuração prototípica de *ir* como base de compreensão do processo de auxiliarização.

O $V_{\text{predicador}}$ *ir* requer dois argumentos manifestados pelo sujeito (agente) [+] animado, e por um complemento circunstancial⁵.

⁵ Segundo Rocha Lima (2006), complemento circunstancial é uma especificidade de alguns verbos que passam a idéia de circunstância (transitivos circunstanciais).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Essa configuração caracteriza-se pelo marco predicativo básico que se segue, no qual cada *X* é um dos argumentos de *ir*.⁶

IR _v	(x ₁ : animado (x ₁) _{Agente})	(x ₂ : inanimado (x ₃) _{Meta})
=	(x ₁ : sujeito [+] animado) _{Agente}	(x ₂ : comp. circ. [-] animado) _{Meta}

Quadro 1: Marco predicativo básico de *ir*.

- (1) *Aí eu vou no sítio menos vezes, né.* (01Mar-BDFI-FA)⁷
- (2) *Já passei por um perigo sim. Acho que eu já passei por esse perigo umas...[umas] três vezes. Uma vez eu tava dentro de casa, meus irmão (ruído de água) (inint) meu irmão tava lá fora, aí começou o tiro-teio, aí eu fui lá fora assim mesmo no meio dos tiros vê onde ele estava.* (T07Adr-AC-FB)
- (3) *Ele fez com que as pessoas fossem até a igreja, né? pra dançar, cantá, eu gostei, gostei muito.* (T22Ana-AC-FC)

A configuração básica envolve entidades do mundo real, ou seja, há (i) um agente, (ii) o deslocamento e (iii) o local para onde se desloca. Segundo Dik (1997), a relação entre agente e meta constitui-se de um estado de coisas caracterizado pelo autor sob dois parâmetros: Dinamismo e Controle. Predicações nucleares com *ir* (cf. os exemplos anteriores) caracterizam-se por evidenciar um estado de coisas dinâmico e controlado, ou seja, da interação entre o predicado (*ir*) e os termos, resulta o estado de coisas dinâmico, no qual o sujeito (agente) é o controlador e o complemento circunstancial (meta) é o controlado.

	ESTADO DE COISAS		TIPO DE ESTADO DE COISAS
Predicador <i>ir</i>	+ Dinâmico	+ Controlado	Ação

Quadro 2:

Caracterização do comportamento básico de *ir* como predicador simples.

⁶ Há outra configuração considerada também prototípica em que *ir* projeta dois argumentos internos (um ponto no espaço de partida e outro de chegada): [*ele*] *foi do colégio direto pra lá*.

⁷ Os exemplos seguem a seguinte ordem de informações: 1º código do documento; 2º nome do banco de dados (são dois apenas: AC → Amostra censo 2000 e BDFI → Banco de dados da fala infantil); e 3º a faixa etária em questão (Faixa A → infantil, Faixa B → juvenil e Faixa C → adulta).

MORFOSSINTAXE

De predicador a auxiliar

Uma das funções mais freqüentes de *ir* é o seu papel como V_{auxiliar} . A noção gramatical de tempo de que participa varia conforme. Nesta investigação, contemplam-se três tipos de construções com *ir*: as que designam futuro do presente, futuro do pretérito e pretérito perfeito.

Em todas as funções consideradas, *ir* perdeu características de $V_{\text{predicador}}$ e ganhou outras de V_{auxiliar} . O processo pelo qual esse verbo passou até adquirir comportamento instrumental é denominado gramaticalização. Esse fenômeno está associado à recategorização lingüística – uma forma ou estrutura que se presta a uma determinada categoria lexical ou gramatical passa a assumir, respectivamente, outra gramatical ou mais gramatical devido a motivações de diferentes ordens. O fundamento básico incide sobre o fato de que o usuário manifesta pensamentos e idéias abstratos por meio da expressão lingüística e se não há material lingüístico que contemple, os elementos já existentes serão reformulados para se adequar à nova proposição. Segundo Martelotta et alii (1996), a gramaticalização envolve quatro níveis e o primeiro, nível cognitivo, considera justamente o trabalho mental do usuário para o empenho comunicativo – a adoção de itens lingüísticos já existente para adequar-se a uma nova aplicação categorial.

Entre os aspectos de gramaticalização mais relevantes tratados por Heine *et alii* (1991), está o fato de os autores considerarem verbos indicadores de processos como marco inicial para a gramaticalização, isto é, itens lingüísticos que na sua composição semântica designam processo são, segundo os autores, suscetíveis a esse fenômeno de mudança. Tendo em vista que um processo é descrito por Dik (1997) como um estado de coisas dinâmico e não-controlado pelo argumento externo e que o verbo predicador *ir* designa um evento dinâmico que pode ser controlado ou não pelo argumento externo, cogita-se que *ir* se enquadra numa categoria de itens sensíveis à gramaticalização. Um de seus sentidos refere-se justamente a um processo físico, isto é, movimento espacial de uma entidade não-controladora.

Os exemplos a seguir mostram os usos de *ir* como um típico auxiliar, apresentando-se bastante gramaticalizado.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(4) E (Enrevistador): *Ah! Então, em que condições você vai poder ir a Pernambuco?* I (Informante): *É... no começo das férias, aí então a minha tia vai escrever, então eu passo, aí depois a gente vai.* (I01 Mar-BDFI-FA)

(5) *Foi mesma coisa, mesma coisa; chegamos no colégio, lanchamos, fomos lá, a professora bateu papo com a gente... falou [o que-] o que achou da ("p-") do- do passeio... a gente falou que achamos ótimo... Ela falou que ia arrumá outro passeio pa gente, mas foi aí- foi aí que eu deixei o colégio. Eu deixei o colégio de lado... Eu- eu preferi ("proseguir") no serviço.* (T05 And-AC-FB)

(6) *Até o grupo de jovens que eu não sabia, há anos que eu moro ali, não sabia que <ex...> não tinha grupo jovem e agora tem. Foi o que eu te falei <cham...> o que aconteceu na Igreja, eu acho que... máio é (hesitação) incentivadô disso foi o padre Marcelo, foi levá o jovem pra Igreja. E eu acho isso muito bom.* (T22 Ana-AC-FC)

As estruturas perifrásticas dos exemplos apresentam o V_{auxiliar} *ir* flexionado, mais um elemento verbal no infinitivo responsável pela predicação e caracterizando-se, assim, como o núcleo léxico-semântico. Entretanto, para que a noção temporal em (4), (5) e (6) seja mantida, é essencial a contribuição de *ir*.

Nos exemplos (4), (5) e (6), as perífrases podem ser permutadas por predicadores simples correspondentes: *vai escrever* por *escreverá*, *ia arrumá* por *arrumaria* e *foi levá* por *levou*. Dessa forma, é importante que estudos contemplem a investigação sobre a alternância entre formas simples e complexas para que possíveis generalizações sobre produtividades de uso e fatores (extra-) lingüísticos sejam estabelecidas.

Estudos recentes (Santos, 2000 e Oliveira, 2006) mostraram a grande produtividade de uso de *ir* como auxiliar de futuro do presente. As autoras comprovaram por meio de um estudo sociolingüístico quantitativo e qualitativo que a estrutura perifrástica *ir* + infinitivo vem ganhando espaço cada vez mais na língua falada e na escrita. De acordo com a tese de Oliveira (2006), a estrutura embrionária que deu origem à construção perifrástica surgiu no século XIV e, no XVI, iniciou o processo de auxiliarização de *ir*, quando a estrutura passou a ser reanalisada como expressão de futuro.

Heine (1993) apresenta esquemas cognitivos formadores de auxiliares nas línguas em geral e considera como um dos esquemas básicos o de movimento, no qual *ir* se relaciona. Segundo o autor, a

MORFOSSINTAXE

proposição “X moves to/from Y” gera a categorização de auxiliar e expressa comumente a noção de futuro. O autor mostra o seguinte modelo para explicar a formação de *going to*, derivado do esquema de movimento:

Stage	I	II	III
	Jonh is going to town soon	Jonh is going to work soon	John is going to get sick soon
of concept:	Source	Source/Target	Type Target

Quadro 3: Formação de *going to* através de um *continuum* configurado pelos pólos *source* (origem) e *target* (alvo); (Heine, 1993, p. 49).

De acordo com o autor, os esquemas concretos ou esquemas de eventos (elementos lexicais) são tratados como itens de origem e os conceitos gramaticais formados a partir de tais itens são tratados como elementos alvos. A transição de um conceito de origem para o alvo não é um processo discreto, e sim contínuo. Durante essa transição, a expressão *going to* se encontra num contexto de ambigüidade (*stage II*), pois pode se referir simultaneamente a dois conceitos diferentes. Tal ambigüidade faz parte de um estágio previsível no desenvolvimento de auxiliares, pois constitui um passo necessário para a reanálise desse verbo como um item instrumental.

Segundo Bolinger (1980, *apud* Heine, 1993, p. 27), a partir do momento em que uma forma verbal tenha como complemento um infinitivo, já se caracteriza um contexto amplamente favorável à gramaticalização. Dessa forma, as orações de finalidade assim como expressões locativas representam peças muito importantes no processo de gramaticalização que afeta *ir* e, conseqüentemente, o infinitivo.⁸

(7) E: *Onde qué sua casa?... Aonde qué sua casa? É perto daonde, Jorge?* I₂: *Lá di cima da casa dela... Ela já foi lá em casa.* I₁: *Fui chamá ele pá vim... prá cá... prá vim... pá Legião.* (I03 Luc-BDFI-FA)

(8) *Ah aí eu ia traba... [ia]- ia traba é... arranjar um trabalho lá... nesse... tempo da- dessa casa, né?... e ia trabalhar lá.* (I01 Mar-BDFI-FA)

(9) *Aí eu atravesssei a rua, fui numa lanchonete comprá mate pra eu tomá aqui no trabalho...* (T22 Ana-AC-FC)

⁸ O item que se gramaticaliza é o verbo *ir*. O infinitivo é afetado por esse processo, mas mantém seu conteúdo lexical íntegro.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os exemplos (7), (8) e (9) representam o gatilho para o processo de auxiliarização de *ir*. Há uma expressão de finalidade (*pá vim, trabalhar e comprá*) e outra com a função de locativo (*lá, lá e numa lanchonete*), que, em (7), encontra-se subentendido. Com isso, todos os elementos lingüísticos necessários para a ambigüidade, que constitui uma etapa de gramaticalização relacionada por Heine (1993), participam da constituição dos dois exemplos anteriores. Isso se confirma mediante a possibilidade das seguintes substituições: (*Chamei ele (lá) pá vim*), (*e trabalharia lá*) e (*Aí eu atravessei a rua, comprei mate numa lanchonete pra eu tomá aqui no trabalho...*).

Vale ressaltar ainda que, para Heine (1993), o auxiliar não se configura como um pólo no *continuum*, e sim como uma categoria intermediária, pois, segundo ele, há a possibilidade de o elemento se tornar um afixo ou uma flexão⁹.

Outra característica muito importante na análise do grau de integração entre os elementos verbais em foco é a natureza semântica do infinitivo. Borba (1996) apresenta quatro classificações sintático-semânticas para os verbos¹⁰ e com base nessas, analisa-se a relevância de tais para o grau de integração entre *ir* + infinitivo.

Nos exemplos (7), (8) e (9), os infinitivos *chamar*, *trabalhar* e *comprar* se classificam, segundo a proposta de Borba (1996), como verbos de ação. Isso indica que quando *ir* mantém relações com um verbo dessa natureza, sua integração ao infinitivo proporcionará interpretações dúbias. Com verbos de outras classificações sintático-

⁹ Na transição do Latim Vulgar para o Português, por exemplo, houve tal fenômeno quando o auxiliar *habere*, usado após os verbos principais para expressar futuro (*cantare habemos*), deu origem à forma atual de futuro simples: *cantaremos*.

¹⁰ As classificações são: (i) verbos de ação → expressam uma atividade realizada por um sujeito agente (ex. *voar, brincar, ir* etc.); (ii) verbos de processo → expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experienciador (ex. *O bebê acordou, A chuva parou, Ana sente frio* etc.); (iii) verbos de ação-processo → expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação levada a efeito por um sujeito causativo, que afetam o complemento (ex. *José quebrou o pires, A costureira estragou o pano* etc.); e (iv) verbos de estado → expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito que é, pois, mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário (ex. *Mário permaneceu em silêncio, Tadeu ama Dirce* etc.).

MORFOSSINTAXE

semânticas (cf. nota 8), ou não é possível estabelecer a formação de perífrases ou o complexo verbal suscitará apenas uma interpretação.

(10) *Então eu acho que acabou a minha época, e eu saí tem dois anos, também porque eu tive um problema no joelho.* (T22 Ana-AC-FC)

(11) *Porque... (“t-”) (hes) por exemplo: <el-> (hesitação) ela escreveu no quadro, então a gente tem que escrevê, passá tudo pro caderno.* (T05 And-AC-FB)

(12) *Ele fala, eles contô pras crianças, é, dá boa noite pra criança. Ele vai lá pra casa dele! Então o rati de refresco. Mas é mentira. Ih o refresco, tá puro.* (I03 Luc-BDFI-FA)

Os exemplos (10), (11) e (12) mostram três verbos correspondentes às outras três classificações (*ação-processo*, *processo* e *estado*, respectivamente). Se as formas verbais destacadas fossem modificadas e adaptadas de modo a configurarem uma perífrase, ter-se-iam os seguintes resultados cujos itens entre colchetes são as formas testadas: (... *eu acho que [vai][ia][foi] acabar a minha época...*), (...*ela [vai][ia][foi] escrever no quadro...*) e (...*o refresco [vai][ia][foi] estar puro*).

Segundo o teste, com verbos de *processo*, *ir*, na expressão de futuro do presente e futuro do pretérito, relaciona-se coerentemente com o infinitivo, entretanto, quando *ir* sofre as flexões para designar pretérito perfeito, o sentido torna-se comprometido. Com verbos de *ação-processo*, o sentido se mantém claro e coerente, nas três flexões de tempo. Por fim, com verbos de *estado*, o sentido obtido por meio da integração *ir* + infinitivo é transparente nas expressões de futuro do presente e futuro do pretérito e, novamente, a construção com a forma *fui* apresenta sentido difuso.

Conclui-se a partir do teste que, em construções com verbos de *ação*, a relação entre *ir* e o infinitivo está propícia a gerar sentidos ambíguos, pois a idéia básica de sentenças com um *ir* prototípico e um infinitivo indicando finalidade é a de que um agente se movimenta até um local para executar algo. Esse objetivo, pois, tende a ser uma *ação* ou *ação-processo*, já que a relação finalidade/ação e finalidade/ação-processo são mais coerentes do que finalidade/processo e finalidade/estado.

De acordo com as análises desenvolvidas neste trabalho, elaborou-se o seguinte esquema para demonstrar o grau de gramatical-

zação de *ir* nas predicções complexas investigadas assim como seu grau de integração ao infinitivo:

- GRAMATICALIZADO	+ GRAMATICALIZADO
MENOR GRAU DE INTE- GRAÇÃO	MAIOR GRAU DE INTE- GRAÇÃO
+ CARACTERÍSTICAS DE V _{PREDICADOR}	+ CARACTERÍSTICAS DE V _{AUXILIAR}
+ ELEMENTOS LOCATI- VOS E VERBOS FINAIS	- ELEMENTOS LOCATIVOS E VERBOS NÃO FINAIS
+ ASSOCIADO A VERBOS DE AÇÃO E AÇÃO- PROCESSO	+ ASSOCIADO A VERBOS DE PROCESSO E ESTADO

Quadro 4: Propriedades gerais da gramaticalização de *ir*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou o percurso de alteração categorial de *ir* desde sua função de V_{predicador} a V_{auxiliar}. E, corroborando os pressupostos funcionalistas, essa mudança é gradual e se estabelece num *continuum*. Há três pontos fundamentais para a compreensão da gramaticalização de *ir*: a fase inicial (+ lexical), a intermediária (categoria híbrida) e a mais avançada (+ gramatical). O ponto intermediário caracteriza-se por uma aparente ambigüidade categorial, já que o elemento verbal *ir* pode tanto ser interpretado como um V_{predicador} como um V_{auxiliar}. Essa estrutura é considerada, nas três expressões de tempo analisadas neste trabalho, como o gatilho para gramaticalização.

O papel semântico dos infinitivos se apresentou relevante no que tange à determinação do grau de integração entre *ir* + infinitivo. A pesquisa determinou que *ir* mantém uma integração de leve a moderada com verbos de *ação* e *ação-processo*, ao passo que com verbos de *processo* e *estado*, a relação vai de moderada a forte.

Portanto, *ir*, em complexos verbais, não mantém um grau de integração com o infinitivo regular sistemático. Nas três expressões temporais consideradas, a recategorização de *ir* sofre resistência para se concluir, já que há ainda os aparentes contextos ambíguos, como menciona Silva Menon (2003).

MORFOSSINTAXE

Por fim, cabe salientar que *ir* se mostrou, no *corpus* analisado, um elemento muito proffcuo quanto à formação de estruturas perifrásticas, participando na construção não só da expressão de futuro do presente (muito debatida na literatura lingüística) como também da expressão de futuro do pretérito e pretérito perfeito. Dessa forma, pressupõe-se que alguns tempos verbais tendam a um uso perifrástico e, acompanhando essa reformulação, *ir* amplia sua aplicação contextual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Fransisco da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

DIK, Simon. *Theory of Functional Grammar*. Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997, 2 v.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Gramaticalization. A Coceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and gramaticalization*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade. In: VIEIRA, S. & BRANDÃO, S. (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2004, p. 65-96.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria M. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SANTOS, Josete Rocha dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ro. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

SILVA MENON, Odete P. da. Perífrases com o verbo *ir*: variação e gramaticalização. **In:** PUSCH, Clauss D. & WESCH, Andreas. (orgs.) *Verbalperipharsen in den (ibero-) romanischen Sprachen*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2003.